

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL, BRASILEIRO E PORTUGUÊS, EM IMPORTANTES PUBLICAÇÕES DA IMPRENSA PERIÓDICA ROMÂNTICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Benedita de Cássia Lima Sant'Anna¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os recursos artísticos utilizados pelas revistas cariocas *Guanabara* (1849-1856) e *Ilustração Brasileira* (1854-1855) como forma de representação do espaço cultural nacional, bem como os recursos artísticos utilizados pelos periódicos lisboenses *O Panorama* (1837-1868) e *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856 e 1858 - 1859) como forma de representação do espaço cultural português. O trabalho também investiga, entre os recursos artísticos apresentados, o que melhor se adapta a essa representação do espaço cultural local em cada uma das publicações citadas, analisando-as comparativamente.

Palavras-chave: século XIX, imprensa periódica, *Guanabara* (1849-1856), *Ilustração Brasileira* (1854-1855), *O Panorama* (1837-1868), *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856, 1858 e 1859)

1

ABSTRACT

This paper was carried out to present the artistic resources used by the Rio de Janeiro magazines *Guanabara* (1849-1856) and *Ilustração Brasileira* (1854-1855) as a way of representing the national cultural space, as well as the artistic resources used by the Lisbon journals *O Panorama* (1837-1868) and *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856, 1858 and 1859) as a way of representing the Portuguese cultural space. One also tries to investigate, among the artistic resources at issue, which of them suits best that representation of the national cultural space in each of the publications above mentioned, analyzing them by means of comparison

Keywords: nineteenth century, scientific and literary magazines, *Guanabara* (1849-1856), *Ilustração Brasileira* (1854-1855), *O Panorama* (1837-1868), *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856 and 1858 - 1859)

Os centros urbanos, principalmente os grandes centros, sempre foram locais de propagação de atividades diversas, inclusive das relacionadas à cultura da população letrada. Isso porque existe certa pressão por parte dos habitantes de tais localidades influenciando o desenvolvimento sócio-político-cultural, o que possibilita, ou pelo menos deveria possibilitar, a existência de oportunidades de entretenimento, informação e educação para os moradores.

Em meados do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império brasileiro, era o nosso maior centro urbano e, conseqüentemente, nosso grande centro cultural: uma espécie de “capital intelectual do país”. Era nela que as tentativas de propagar conhecimento e cultura por parte da população letrada nacional tornavam-se mais evidente.

Do mesmo modo, a cidade de Lisboa, em Portugal, era a que melhor representava o progresso cultural lusitano. Contando com as tipografias mais equipadas do país, como a d’*O Panorama*, que inicialmente pertencia à Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis¹ e, posteriormente, foi adquirido pelo empresário tipográfico português Antônio José Fernandes Lopes², a cidade de Lisboa constituía-se um verdadeiro espaço da efervescência cultural portuguesa.

Convém ressaltar que, ao mencionarmos o vocábulo “cultural”, estamos nos referindo ao cabedal de saberes que envolvem as atitudes, a linguagem e as atividades artísticas da população – particularmente, da alfabetizada. Também ressaltamos que falar desse conjunto de conhecimento nesse período é, sem dúvida alguma, falar de imprensa periódica, visto que os periódicos eram lançados por instituições e associações de homens de letras, em geral, preocupados em promover o desenvolvimento intelectual, por intermédio de publicações de natureza variada: como a científica, a religiosa e a literária – esta última com a dupla função de apurar o gosto do leitor e deleitá-lo.

A revista *Guanabara* (1849-1856), publicação que marca o fim de nossa primeira fase romântica, e a revista *Ilustração Brasileira* (1854-1855), que praticamente inaugura as publicações literárias ilustradas românticas entre nós, são importantes exemplos da imprensa periódica nacional do período. Assim como o periódico *O Panorama* (1837-1868), o mais significativo periódico romântico português, e a revista *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856 e 1858 - 1859), que teve *O Panorama* como modelo, distinguindo dele apenas por conter um número de gravuras mais significativo, são importantes exemplos da imprensa periódica romântica lusitana. Por esse motivo, nós os escolhemos como

¹Fundada em 1837 com a finalidade exclusiva de lançar e publicar *O Panorama*, a sociedade contou com o apoio da rainha D. Maria II e era composta por escritores já consagrados, como o português Antonio Feliciano de Castilho e o brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen.

² Tipógrafo e editor português, dono de uma livraria situada à Rua do Ouro, n.º227 e 228, em cuja oficina saíram publicações periódicas de importância significativa como *O Panorama* (a partir 05 set. 1846 até 25 dez 1858), *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856 e 1858-1859), *O Futuro* (1858), *A Discussão* (1860), etc...

objeto de estudo deste texto, no qual pretendemos investigar tais publicações enquanto espaço de representação do próprio espaço cultural: brasileiro, no caso das duas revistas nacionais; e português, no caso do periódico e da revista lisbonense.

Lançada em 1º de dezembro de 1849 por Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manoel de Macedo e Antônio Gonçalves Dias, a *Guanabara* foi impressa inicialmente na tipografia Guanabareense, de L. A. F. de Meneses, na Rua São José, nº 45, no Rio de Janeiro, e tinha por objetivo divulgar, bem como incentivar, a aquisição de todos os tipos de conhecimento, fossem eles históricos, científicos ou literários, difundindo todos os acontecimentos que envolviam a publicação de uma nova obra literária, o surgimento de um novo autor, a formação de academias literárias ou de belas-artes e os acontecimentos relacionados ao comércio.

A *Guanabara* era considerada por seus idealizadores um jornal, não uma revista – categoria em que a definimos. Em defesa dessa postura, temos o fato de o título apresentá-la como *O Guanabara*, enquanto o subtítulo a define como revista: revista mensal, artística, científica e literária.

3

Fato semelhante ocorria com a *Ilustração Brasileira*, que era designada pelos seus redatores ora como um jornal – “jornal literário, científico e ilustrado” –, ora como revista (*Ilustração Brasileira*, 1854, p. 1). Publicação mensal, impressa na tipografia da Viúva Viana Júnior, localizada na Rua D’Ajuda, nº 79, na cidade do Rio de Janeiro, a *Ilustração Brasileira* circulou entre os anos de 1854 a 1855 e tinha como redatores Ernesto de Souza Oliveira Coutinho e Ciro Cardoso de Meneses, seu proprietário.

No momento estudado, a definição de revista poderia sugerir certa superioridade à *Ilustração Brasileira* e à *Guanabara* diante de publicações intituladas como jornal, haja vista que se definia como revista publicações mais elaboradas que exigissem maior cuidado gráfico. Proprietários, editores, redatores e colaboradores interessados em qualificar sua publicação conferiam-lhe o título de revista.

Entretanto, os idealizadores da *Guanabara* não tinham essa intenção, já que introduziram essa definição apenas no subtítulo. Por outro lado, os redatores da *Ilustração Brasileira*, quando resolveram publicar a revista, sabiam que iriam editar uma publicação mais dispendiosa, em consequência das gravuras nela impressas. A denominação de

jornal, embora empregada por eles em alguns momentos, não era a mais apropriada aos objetivos que a *Ilustração* se propunha.

Tal observação torna-se evidente ao lermos o editorial de apresentação da *Ilustração Brasileira*, no qual Ernesto de Souza Oliveira Coutinho revela ao leitor os objetivos e o conteúdo a ser divulgado, introduzindo o título da publicação por intermédio do artigo feminino “a”:

Quando, pois, espírito algum é capaz de concentrá-las [as ciências] todas em si, (...) homens de diversos talentos se associam para estabelecer de algum modo a universalidade perdida, e retribui aos conhecimentos humanos seu harmonioso conexo. Foi para esse fim que se fundou a *Ilustração-Brasileira* [o grifo é nosso] (...) que se ocupará (...) a saber: a moral pública, os costumes públicos, a política de interesse geral e do domínio da história, a economia política, a estatística e as leis de interesse geral, a eloquência parlamentar e judiciária, as ciências e belas-artes, a literatura, a biografia, o exame crítico das obras que aparecerem, o comércio, a indústria, as descobertas e as invenções realmente úteis (sic). (*Ilustração Brasileira*, 1856, p. 2.)

4

Nota-se que a *Ilustração Brasileira* tinha como propósito ser uma publicação completa, uma espécie de publicação enciclopédica, bem ao modelo das publicações literárias e científicas da época.

Os redatores da *Guanabara*, mais experientes no ramo da imprensa e, talvez, cientes das dificuldades que encontrariam, desejavam seguir os passos de sua antecessora, a *Minerva Brasiliense: jornal de ciências, letras e artes* (1843-1846). Assim, no editorial de apresentação da revista, ressaltam que a *Guanabara* tinha como propósito se ocupar dos assuntos já mencionados, tratando de maneira amena as dificuldades que por ventura surgissem no decorrer da edição de um número a outro. Além disso, ressaltam que a revista intensificaria seus esforços e vistas para tudo que fizesse referência à cultura do país (*Guanabara*, 1849, p. 1 e 2).

Encontra-se, ainda no editorial, a informação de que a *Guanabara* estaria de portas “abertas a todos os homens estudiosos” (p.1 e 2). Essa disponibilidade de angariar colaboradores também faz parte do contexto editorial da *Ilustração Brasileira* de Ciro Cardoso de Meneses. E, está explícito em editoriais e anúncios impressos no periódico *O Panorama* e na revista *A Ilustração Luso-Brasileira*, ambos publicados em Lisboa.

Lançado em 6 de maio de 1837 pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, *O Panorama* era uma publicação semanal, saía todos os sábados. De conteúdo enciclopédico, publicava textos sobre a história nacional e estrangeira, notícias de antiguidades e monumentos, estatísticas e geografia do país, biografia de varões ilustres, literatura, jurisprudência, economia política, direito administrativo, indústria, comércio e belas-artes, trazendo a cada número uma ou mais gravuras ilustrando algum ou alguns artigos e ensaios publicados.

Sua trajetória subdividida em cinco séries: a primeira, composta por quatro volumes (1837-1840); a segunda, também composta por quatro volumes (1841-1844); a terceira, por cinco volumes (1846-1856); a quarta, por dois volumes (1857-1858); e a quinta, por três volumes (1866-1868). Marca cronologicamente o início e o término do movimento romântico na literatura portuguesa.

Nas duas primeiras séries, o periódico foi dirigido pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, criada com o objetivo exclusivo de editar *O Panorama*. Depois, seu título, juntamente com a sua tipografia e com todos os direitos que lhe eram atribuídos, foram adquiridos pelo empresário tipográfico Antônio José Fernandes Lopes, que permaneceu como proprietário do periódico até a impressão do último número, do décimo quinto volume, ou segundo da quarta série, em 25 de dezembro de 1858. Após a edição do número, a publicação do periódico passa por uma fase de interrupção que se encerra só em janeiro de 1866, quando se publica na Tipografia Franco-Portuguesa, localizada na Rua do Tesouro Velho, nº 6, em Lisboa, o primeiro número da quinta série. Tudo indica que, no período em que a publicação d'*O Panorama* foi interrompida, Antônio José Fernandes Lopes tenha vendido o periódico. Entretanto, o nome do novo proprietário não é divulgado.

O fato é que a publicação d'*A Ilustração Luso-Brasileira*, lançada pelo mesmo empresário em 5 de janeiro de 1856, com formato aproximado ao d'*O Panorama* – cada número publicado continha oito páginas com três colunas, uma coluna a mais do que o periódico – e, praticamente, com os mesmos objetivos: ser uma publicação direcionada a dois povos (português e brasileiro), divulgando matérias relacionadas à história, às ciências, à literatura, ao comércio, aos espetáculos públicos, à moda etc. Também se encerra, em dezembro de 1858, só que definitivamente.

Na ocasião, publica-se na revista o seguinte anúncio:

O editor e proprietário do jornal *A Ilustração Luso-Brasileira* previne os senhores assinantes que, em consequência do fatal golpe por que há pouco acaba de passar, com o falecimento de sua esposa, ficando-lhe oito filhos, o mais velho dos quais conta oito anos, suspende por algum tempo a *Ilustração* porque sendo, como pai, responsável pela educação de seus filhos, ou há de cuidar desse dever ou aplicar-se à direção do mesmo jornal (*A Ilustração Luso-Brasileira*, 1859, p. 412).

Provavelmente, o motivo que fez Antônio José Fernandes Lopes encerrar a publicação d'*A Ilustração Luso-Brasileira* também influenciou na sua decisão de interromper a publicação d'*O Panorama*.

Finalizadas tais publicações, fica a certeza de que tanto *O Panorama* como *A Ilustração Luso-Brasileira*, ao divulgarem textos referentes a assuntos tão variados – que incluem até mesmo pequenas notas que relatam um pouco do cotidiano da cidade de Lisboa da época –, acabam por representar o espaço cultural português.

6

Do mesmo modo, estamos certos de que as revistas *Guanabara* e *Ilustração Brasileira* também representaram o espaço cultural nacional porque publicaram textos literários, científicos e notas que refletem a preocupação com a educação e com o desenvolvimento das artes em nosso país durante o período estudado – preocupação essa bastante presente entre os intelectuais brasileiros.

Assim, pode-se dizer que cada uma das publicações aqui citadas acaba por constituir ela própria um novo espaço cultural, o qual funciona como elemento de representação de um espaço mais amplo: o espaço cultural de seus respectivos países.

Importa ressaltar que, em cada um desses novos espaços, encontra-se a predominância de determinado tipo de texto, considerado por nós como recurso literário-artístico. Na revista *Guanabara*, por exemplo, há mais prosas poéticas e artigos críticos que outro tipo de texto. Na revista *Ilustração Brasileira*, predominam-se os pequenos poemas e os textos sobre personalidades contemporâneas brasileiras, os quais trazem o retrato da personalidade em foco. No periódico português *O Panorama* e na revista portuguesa *A Ilustração Luso-Brasileira*, a impressão de textos de cunho histórico, crítico-literário, de romance-folhetim é bem superior à de poemas.

O fato é que o periódico e a revista portuguesa contavam com um número de colaboradores muito superior ao das revistas nacionais, os quais enviavam uma vasta contribuição para a redação dos periódicos. Assim, tais publicações podiam optar pela divulgação de textos mais variados e densos, enquanto a *Guanabara* e a *Ilustração Brasileira*, na ausência de colaboradores e de outro tipo de texto, publicavam poemas de autorias não-identificadas, retirados muitas vezes do álbum de alguma senhora.

Tais poemas, impressos nas revistas nacionais, são identificados por nós como o recurso artístico mais utilizado por elas como forma de representação da cultura letrada nacional e, conseqüentemente, do espaço cultural letrado brasileiro. Do mesmo modo, identificamos os textos em prosa, sejam eles críticos, históricos e de ficção, publicados n' *O Panorama* e n' *A Ilustração Luso-Brasileira*, como o recurso artístico mais utilizado pelas publicações portuguesas citadas, como forma de representação da cultura letrada lusitana.

Concluindo, ressaltamos que, sendo órgãos da imprensa romântica de língua portuguesa, é natural que a *Guanabara*, a *Ilustração Brasileira*, bem como *O Panorama* e *A Ilustração Luso-Brasileira*, tenham feito uso do texto escrito e ilustrado, no caso específico das publicações ilustradas (*Ilustração Brasileira*, *O Panorama* e *A Ilustração Luso-Brasileira*), para representar a cultura dos seus países. Ressaltamos ainda que a predominância de certo tipo de texto em cada uma dessas publicações não exclui a existência de outros.

Além disso, concluímos que, por contar com um número mais significativo de colaboradores e com uma cultura letrada mais desenvolvida – as letras em Portugal há muito já vinham se desenvolvendo, enquanto no Brasil estavam em pleno processo de formação e consolidação –, é natural que as publicações lusitanas apresentadas pudessem representar a cultura letrada lusitana, bem como o próprio espaço cultural português, por intermédio de um número de textos em prosa (históricos, críticos e de ficção literária) superior quantitativamente, e até qualitativamente, que os impressos nas revistas nacionais.

A nosso ver, esse número superior de textos em prosa, de assuntos variados, encontrados n' *O Panorama* e n' *A Ilustração Luso-Brasileira* expressa a própria representatividade das autorias diversas, ou seja, a existência de um número maior de

escritores, em Portugal, atuantes, dispostos a colaborar com a imprensa local e, conseqüentemente, com o desenvolvimento do espaço cultural lusitano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A ILUSTRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA. Jornal literário, científico e ilustrado. Lisboa: Tipografia d'O Panorama. v. I., 1856; v. II., 1858; v. III. 1859.

AMARAL, Antônio B. do. Nossas revistas de cultura: ensaio histórico-literário. In: *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo 31 (174): 125-175, jul.-set., 1968.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

GUANABARA. Revista mensal artística, científica e literária. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarenses de L. A. F. de Menezes. Tomos I, II e III (microfilme).

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Jornal literário, científico e ilustrado. Rio de Janeiro: Tipografia da Viúva Vianna Júnior. v. I., fev.-set 1854; v. II., jan. 1855.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada.* São Paulo: Edusp, 1997.

O PANORAMA. Jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis. Lisboa: Tipografia d'O Panorama. v. I-XV, 1837-1858; Tipografia Franco-Portuguesa, v. XVI-XVIII, 1866-1868.

PEREIRA, A. X. da Silva. *Os jornais portugueses: sua filiação e metamorphose.* Lisboa: Imprensa de Libania da Silva, 1897.



ISSN: 1984 – 8625 – número 6 – IFSP - Sertãozinho

¹Benedita de Cássia Lima Sant'Anna é Doutora em Letras, área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – FFLCH – USP e Pós-Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP –Campus Assis/ FAPESP. Endereço Eletrônico: cassiabar@hotmail.com